

A BIXA PRETA E AS MASCULINIDADES: IMAGENS DE CONTROLE E REVERBERAÇÕES POSSÍVEIS

Rodrigo Cleber Leão de Oliveira¹

RESUMO

As masculinidades hegemônicas hoje no Brasil são resultado de uma construção colonial que há muito tempo vem ganhando forma no país e tem, em sua formação, alianças e compromissos com estruturas como o racismo, a heterossexualidade e o patriarcado. Diante disso é imprescindível pensar que a elaboração dessas masculinidades reverbera socialmente na vida de corpos subalternos como é o caso das bixas pretas que carregam em si vivências de corpos negros somados com as experiências de se ser homo ou bissexual. Portanto, a partir de uma revisão da literatura aliada ao princípio da interseccionalidade como anseio metodológico, buscou-se com este trabalho perceber os enlaces da construção dessas masculinidades na construção de imagens de controle social da bixa preta e como isso pode reverberar em suas vivências. Portanto, a dupla diáspora experienciada por esses indivíduos diante da masculinidade realça estigmas, perpetua preconceitos externos e internalizados e compactua com violências que podem reverberar em adoecimento físico ou mental.

Palavras-chave: Masculinidade; Bixa preta; Interseccionalidade.

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestrando no Programa de pós-graduação em Psicologia (PPGP/UFPA). Email: rodrigo.leaoo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As perspectivas de gênero se fazem presentes desde antes do nascimento dos indivíduos. Existe uma espera e uma ânsia em preparar o ambiente para receber o “menino” ou a “menina” que irá chegar no mundo. Logo, a visão binária de gênero se apresenta como forma de reger a vida humana em alguns aspectos (na maioria deles ainda), o que nos leva à pergunta feita por Joan Scott (2021) quando questiona se gênero ainda é uma categoria válida de análise, visto que o que se é estabelecido como “aceitável” sobre gênero é construído, em sua maioria, através das vivências de uma única parcela da população (em sua maioria homens cis, brancos e heteros) e perpassado através de discursos sociais desde a invasão do Brasil em 1500 (JANUÁRIO, 2016).

As construções de gênero desde o Brasil colônia são parte constituinte de um processo de colonização que Quijano (2000) vai chamar de “colonialidade das relações de gênero”, onde desde o estabelecimento do que seria “viável” à cada gênero até a criação da relação binária de gênero fazem parte do controle populacional, ou seja, dos processos coloniais de poder com o objetivo de colocar o homem cis hétero como norma e, automaticamente, nomeando como escória aqueles que fogem ao normativo (LUGONES, 2008), processo que desde aquela época também levava em consideração questões de raça, visto que essa é a base principal dos processos coloniais, sendo perpetuados, adaptados e refeitos até os dias atuais.

Diante disso é imprescindível que, ao pensar gênero, se entenda que as construções vivenciadas hoje, em sua maioria sofrem as reverberações do processo colonial. A criação das masculinidades, principalmente as masculinidades hegemônicas (CONNEL, 2003), perpassa esse processo, visto que está engendrada dentro do caminho percorrido para a criação do país. Pedro Paulo de Oliveira (2004) questiona a elaboração das masculinidades hegemônicas como atuais, descrevendo como o processo de elaboração do que é aceito de um homem até os dias de hoje ainda bebe da construção da família tradicional cristã europeia que chega ao Brasil com a colonização, principalmente, depois do apagamento de famílias pretas e indígenas da história do país, logo, para se pensar a masculinidade (mesmo com muitos possíveis caminhos) escolheu-se pensá-la como construto social que atua de maneira subjetiva na elaboração cultural do país dos conceitos de gênero (OLIVEIRA, 2004), corroborando, muitas vezes, com construtos como o racismo, o patriarcado o sexismo e a LGBTIfobia.

Judith Butler (2018), Joan Scott (2021), entre outros autores e autoras vão questionar o lugar do gênero dentro da sociedade, principalmente quando este se

coloca a partir de conceitos fechados e fixos. Para Butler (2018) as esteiras de gênero só seriam válidas se fossem elaboradas de maneira aberta e receptivas as novas formas que o gênero pode se apresentar, principalmente no âmbito social e político. A bixa preta se encontra, por diversas vezes, nas encruzilhadas, ditas por Butler (2018), em que os conceitos de gênero, sexo (e eu acrescentaria a sexualidade) se encontram, se misturam e de alguma forma se tornam indivisíveis.

O termo “bixa preta” nasce de uma luta política e da reformulação da palavra bicha que, durante muito tempo foi usada exclusivamente de maneira pejorativa para se referir a diversas pessoas LGBTI+ principalmente quando estas se encontravam nas favelas, becós, baixadas e periferias. Peter fry (1985) em seu livro “o que é homossexualidade” discorre sobre o termo bixa e como este era usado como tentativa de normatizar esses indivíduos dentro da binariedade de gênero. Para o autor, quando uma pessoa lida socialmente como homem tinha atração sexual e afetiva por homens, principalmente pela possibilidade desta ocupar um papel de passividade no sexo, era retirado deste indivíduo o lugar de homem e, portanto, ele se tornava “a bicha”, no feminino, para enfatizar a retirada do posto de homem, o afastando do masculino. Esse fenômeno também é pensado por Daniel Welzer-lang (2001) quando postula que por se aproximar dos símbolos femininos, as pessoas perdem a possibilidade de frequentar lugares masculinos, de andar e de ser lido como homens, estando à mercê de viver diversas violências advindas da LGBTfobia, da misoginia e da heteronormatividade.

Para além disso, a bixa preta se encontra dentro de aspectos vivenciados pelas pessoas pretas, portanto existe uma diferença muito gritante entre uma bicha branca e uma bixa preta, que se estabelece socialmente. Zeca Amaral (2022) em seu livro “Bixa preta e amefricana: contação de histórias dos becós à ancestralidade” estabelece uma diferença entre o termo “bicha” com “CH” e a “bixa” com “X”. A bixa com “x” tem marcadores de raça, classe e construção como corpo político de um lugar diferente de uma bicha branca, pois, “enquanto bichas brancas eram denominadas poc pela questão de serem ou não ‘afeminadas’, já as bixas negras, também chamadas bixas pretas, soma-se o fato de que buscavam sobreviver, apesar da desvantagem econômica e da perseguição policial[...]” (2022, p. 85).

É na elaboração das bixas pretas como formulação de uma identidade a partir de uma reivindicação política e social que nasce nas periferias, na intersecção de diversas vivências que englobam gênero, raça, sexo e sexualidade, elaborando um conceito amplo para este trabalho estabeleceu-se a bixa preta como uma identidade preta e periférica que abarca pessoas que em algum momento foram lidas socialmente como pessoas masculinas, vivenciaram de diversas formas a

construção das masculinidades hegemônicas e que sentem atração (somente ou não) pelo gênero masculino.

Ainda que este trabalho se debruce sobre como as masculinidades formam imagens de controle a partir de homens negros homo ou bissexuais, manter a bixa preta presa ao conceito de homem é injusto, visto que, não são somente homens que vivem se constroem a partir da ideia das bixas pretas, nós temos travestís, mulheres trans, homens gays, bissexuais, cis e trans, entre outros. Logo, a relação da bixa preta com o gênero é complexa, individual e cria uma pluralidade grande de vivências.

É pensando nesses indivíduos como corpos interseccionais que carregam em si diversas marcas e construções possíveis que neste trabalho pensou-se levantar literaturas de como as construções das masculinidades se engendram na vida de pessoas negras (principalmente quando lidas como masculinas), assim como indivíduos gays e bissexuais, principalmente na criação de imagens de controle. O intuito principal não é chegar a fatos concretos, mas elaborar possibilidades, levantar questionamentos e pensar vivências a partir do que for aqui escrito.

METODOLOGIA

Com a finalidade de trazer melhores resultados a este trabalho optou-se por utilizar o método de revisão narrativa de literatura, pois, segundo Ribeiro (2014) oportuniza que se apresentem as narrativas de formas sintetizadas na construção de um caminho lógico e compreensível que forneça ao leitor um apanhado do que tem sido produzido sobre um tema.

Para além disso, a revisão narrativa dá vazão para que o autor escreva de maneira crítica sobre o que está sendo debatido, podendo ir de encontro a ciência positivista que busca a neutralidade da pesquisa (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Falar sobre as bixas pretas é romper com a lógica colonial, portanto, é importante que se pontue que esta pesquisa também busca se situar dentro de um parâmetro decolonial visto o apagamento e o epstemicídio que é sofrido por trabalhos que falem de raça, gênero e sexualidade dentro da academia.

Por fim, este trabalho reúne alguns dos textos lidos e relidos por mim nos últimos anos em que venho me debruçando sobre as temáticas das bixas pretas. Porém, é importante que se identifique que as literaturas sobre essa parcela da população são extremamente escarças. Os impecílios para a realização de pesquisas começam desde o apagamento de suas existências dentro das grades curriculares dos cursos de graduação, tanto pela quase inexistência de temas e autores ligados a negritude, quanto pelo apagamento quase que completo das

experiências de pessoas LGBTI+ (Meireles e Ferrarini, 2002). Para além disso, a maioria dos trabalhos acadêmicos buscam separar esses indivíduos em partes de si, as vezes sendo visto como pessoas pretas, outras vezes como uma pessoa LGBTI+ (Zanoli, 2018).

Diante do que foi exposto o que será realizado a partir das leituras e da literatura é trabalhar com a interseccionalidade. As bixas pretas vivem, diante das masculinidades as pressões das imagens de controle criadas tanto de homens negros, como de homens homo ou bissexuais, portanto, optou-se por elencar as literaturas que falam dessas particularidades para que posteriormente se levantem críticas e possibilidades a partir de uma leitura interseccional.

SOBRE IMAGENS DE CONTROLE E POSSIBILIDADES

Quando falamos das masculinidades como fundamento colonial entranhado na cultura como corrente pertencente aos jogos de poder sociais que permeiam a história do Brasil, um dos conceitos mais importantes de serem lembrados é cunhado pela pesquisadora Raewyn Connel em seu livro *masculinities*, que teve sua primeira edição lançada em 1993, onde postulou sobre a “masculinidade hegemônica” e a defendia como a junção das normas culturais e sociais tidas como corretas de um homem em cada cultura (CONNEL, 2003), ou seja, é a ideia de masculinidade que é mais aceita e que é perpassada social e culturalmente como norma (geralmente branca, cis e hétero) através de uma complexa trama colonial.

A criação da masculinidade hegemônica se estabelece de maneiras diferentes a depender da cultura, portanto, para Connel (1995; 2003), o termo não é universal, mas é mutável a depender da cultura que o rodeia, porém, se tratando do Brasil, pode-se pensar essa construção como algo colonial, europeu e carregado de ideais racistas, misóginas, heteronormativas e patriarcais (OLIVEIRA, 2004). Portanto segundo autores como Kimmel (1998) e Connel (1995), as masculinidades hegemônicas só se constroem em contato com masculinidades ditas subalternas, logo, pra que se tenha hegemonias é preciso que se subalternize o que foge a norma como é o caso das bixas pretas.

A partir disso se faz necessário entender o conceito de imagens de controle, cunhado por Patrícia Hill Collins (2019) que discursava sobre as imagens criadas socialmente para as mulheres negras norte americanas na tentativa de negar direitos, de explorá-las e oprimi-las. Representações parecidas foram colocadas por mulheres negras brasileiras como por exemplo Lélia Gonzales em parceria com Carlos Hasenbalg, quando escreve o livro “o lugar do negro” (1982) ou Zélia Amador de Deus em seu livro “caminhos trilhados na luta antirracista” (2020)

onde fala que por muitas vezes os colonizados acabam por representar os ideais do colonizador, inclusive na tentativa de parecer com este. (AMADOR DE DEUS, 2020).

Ao pensar sobre isso, Bell hooks (2022) procura questionar a formação das masculinidades negras e as possibilidades de lugares que foram criados para essas pessoas no decorrer da história. Para a autora, o negro, desde a abolição da escravidão vive uma busca desenfreada por uma masculinidade branca e patriarcal, mesmo nunca conseguindo alcançá-la. Essa busca criou quatro imagens do negro norte americano a partir desse contato com o masculino.

A primeira imagem citada por Hooks (2022) é a do gangster, aquele que se envolve em coisas ilícitas e na vida do crime, imagem que corrobora na criminalização do homem negro até os dias atuais, visto que para a autora essa era uma das poucas formas que o homem negro conseguia encontrar para conseguir ascender economicamente ao patamar parecido ao do branco. Em seguida a autora fala do homem negro como desprovido de inteligência, como se fosse impossível ao homem negro ascender intelectualmente, pois a sua habilidade seria a força física que tinham adquirido como escravos, incapazes de resolver problemas complexos. A terceira imagem é a do homem negro como violento, visto que seria mais forte, por muitas vezes esse homem é visto e enxergado como um animal primitivo que não teria autocontrole, segundo a autora é essa imagem que torna o homem negro um monstro que por muitas vezes só é calado com uma bala, um tiro. A última imagem de controle dita por Bell Hooks é a do homem negro como objeto sexual, corroborado com a ideia animalesca, teria sua libido aflorada, suas genitálias avantajadas e seriam objetos de desejo sexual, o que é somado com a ideia de que é negada a esse “homem objeto” a possibilidade de ser amado.

Aliado a isso, Milton Ribeiro (2020), pesquisador e antropólogo do norte do país, guiado pelos pensamentos de Patricia Hill Collins e Zélia Amador de Deus vai pensar possíveis imagens de controle elaboradas para homens negros no Brasil, pensando as nossas experiências. O autor chega na conclusão de 5 imagens de controle que se entrelaçam na tentativa de construir esses homens dentro da sociedade.

A primeira imagem descrita por Ribeiro (2020) é a do pivete, o menino ainda jovem sobre o qual é colocado o jargão de criminoso em desenvolvimento, “o marginal ainda em fase inicial” (p. 129) que flerta com o crime organizado desde muito cedo. Em seguida a imagem apresentada é a do Cafuçu, que se apresenta a esses homens durante a juventude e o início da fase adulta. É o movimento de enxergá-los como extremamente sexuais, com libido aflorada, podendo este estar no lugar do malaco, ou do marginal também, assim como pode exercer trabalhos lícitos,

contanto que seja de baixa renda como pedreiros, porteiros, etc. Em seguida o autor nos apresenta o Mussum, figura que corresponde a homens durante a vida adulta até quase a terceira idade que tem problemas com álcool e/ou outras drogas. O Mussum é animado, dentro das rodas é sempre o alívio cômico, pois aceita e atura várias piadas racistas com um sorriso no rosto, como se este fosse o bobo da corte. A quarta imagem é a do Pai João, representatividade que pode se dividir em dois, pois pode ser visto como o negro docilizado, domesticado, já na idade avançada, que vai ser a imagem dos objetivos dos períodos de escravatura, ele é quieto, calado e dócil. Em contrapartida há quem entenda o Tio João como o grande sábio dos terreiros de umbanda, que ainda que calado, esconde conhecimento e elabora a partir de sua própria história.

A última imagem de controle reconhecida e nomeada por Ribeiro (2020) é a da bixa preta, representação que para além de interseccionar raça, gênero e sexualidade também evoca um pensamento de classe visto que são identidades periféricas, que se formam nos aquilombamentos que acontecem entre os nossos e que se torna complexo quando pensamos estas pessoas diante de conceitos como a masculinidade.

Então nesta encruzilhada: a bicha preta não seria o homem ativo que sua raça evocaria, mas poderia ser a mulher passiva que sua performance arranha; porém, tão pouco seria a mulher ideal porque sua raça corporifica a abjeção masculina preta e também não é o homem perfeito porque sua sexualidade denuncia a dissidência. Ainda, o corpo da bicha preta aciona o lugar do desvio da masculinidade negra; da selvageria da raça quando se comporta de forma escandalosa, furiosa, fazendo barraco; da transgressão sexual quando evidencia sua passividade em detrimento do seu imaginado pênis imenso, portanto, da sua ativa potência como homem preto. (RIBEIRO, 2020, p. 131)

É por estar nas encruzilhadas que a bixa preta vai vivenciar não apenas desse lugar de controle social, mas de todos os outros no decorrer de sua história. Mas para além dos estigmas em que o homem negro é colocado, essa parcela da população também vai vivenciar as pressões geradas pela construção das masculinidades na vida de homens homo ou bissexuais.

Como já foi dito, o fato de se aproximar fisicamente ou simbolicamente do papel feminino e, portanto, não cumprir como esperado de um corpo masculino, homens gays em sua grande maioria são impossibilitados de viver como homens nos espaços destinados a isto, gerando diversas imagens que tem como objetivo controlar a sexualidade desses indivíduos, seja para a adequação ou pela violência.

A primeira imagem que pode ser falada é a do enrustido. Muitos homens gays escolhem negar a sua sexualidade, assumindo não só comportamentos ditos de um homem hétero, mas negando qualquer vontade que possa existir de viver algo fora da norma masculina. Assunção (2018) vai chamar esse fenômeno de heterossexualidade compulsória, onde desde pequeno os indivíduos são podados e moldados a ser o mais heterossexual possível, não só em seus corpos e vestimentas, mas em seus comportamentos, o que acaba por gerar a imagem do homem que nega a si mesmo, vive muitas questões baseadas no preconceito internalizado que sente, inclusive, por si mesmo (ANTUNES, 2016). E o homem que escolhe estar dentro do armário, podendo inclusive reproduzir falas e comportamentos violentos.

A partir disso podemos pensar na imagem construída para os homossexuais como doentes. Figura esta que advém e ganha força a partir da pandemia de HIV e AIDS que ocorreu no mundo, não à toa ficou conhecida como a doença gay, visto que até os dias atuais esse imaginário ainda se faz presentes (VIANNA; NASCIMENTO, 2013) não apenas quanto ao HIV, mas a qualquer infecção sexualmente transmissível, o que também envolve a hipersexualização desses homossexuais. Além da classificação da homossexualidade como doença mental que durou até pouco tempo atrás, em 1991 (ANTUNES, 2016).

A terceira imagem do homem gay é a ideia deste como impuro e pecador, chegando a ter sua vida ligada a demônios ou ao inferno. Segundo Borrillo (2010) esses pensamentos têm sua essência na religião como constituinte da vida social da sociedade, fato que também é corroborado por Oliveira (2004) quando afirma que o surgimento do ideal de masculinidade é o papel do homem na família tradicional cristã europeia de 1500. O estabelecimento do homem de Deus como uma das bases dessas masculinidades que foram tomadas como hegemônicas estabelece, também, tudo o que foge desta norma como demoníaco, pecado ou abominável, o que é o caso dos homens gays. (MACEDO, 2017)

A última imagem ligada a homens gays é a do homem afeminado. Não atoa é importante se falar do construto social de que todo homem gay tem em sua essência um afloramento da feminilidade, o que os aproximariam das mulheres e os distanciariam dos homens (TORRÃO, 2005). Diante disso homens que apresentam comportamentos e trejeitos ditos femininos têm seus comportamentos tolhidos desde a infância na tentativa de controle desses corpos (SOLIVA; SILVA; SILVA; DAMASCENO, 2020). Esse processo acaba impedindo que esses indivíduos frequentem espaços ditos masculinos, podendo se colocar em risco de viver violências se assim o fizer (WELZER-LANG, 2001; GOMES; REIS; KURASHIGE, 2013)

Em contrapartida, Fernando Seffner (2003) em sua tese de doutorado intitulada *Derivas da masculinidade*, elenca 4 imagens que se inter cruzariam na construção das masculinidades de homens bissexuais. A primeira é a do bissexual como indeciso, como se a bissexualidade fosse uma fase da vida de todo ser e que em algum momento aquele homem iria decidir se sente atração por homens ou por mulheres, o que vai de encontro inclusive a ideia de bissexualidade que seria o rompimento com a binaridade no direcionamento dos afetos (JEAGER; NUÑEZ; OLIVEIRA; TONELI, 2019). Seffner (2003) elenca que esse posicionamento gera inúmeros tensões porque a construção das masculinidades hegemônicas que advém do conceito cristão e heterossexual não permite dúvidas ou indecisões.

Em seguida vem a imagem da bissexualidade como sexo do futuro, partindo da ideia do rompimento com a hegemonia binária, o homem bissexual é tido como o futuro das sexualidades, por não seguir as normas de gênero. Entretanto isso vem carregado da ideia de que esse homem é promiscuo, aquele que está apto ao sexo a todo o momento independente com quem seja. O que dá sentido à terceira imagem descrita por Seffner (2003) que seria a masculinidade intensificada que colocaria esse homem como passível a viver relações sexuais tanto entre casal como em grupo. É a partir disso que esse indivíduo pode viver duas realidades diferentes, pode se adequar a ideia da necessidade de se satisfazer sexualmente com ambos os sexos, criando inclusive a ideia do predador (GROSSI, 2004) que nesse caso pode ter como presa sexual ambos os gêneros, em contrapartida viveria a ideia de hiper masculinidade por poder estar no papel de ativo sexualmente tanto com homens quanto com mulheres.

Por fim, a última imagem é a da bissexualidade como estratégia de amizade, ou seja, a bissexualidade seria uma maneira desses homens se satisfazerem com outros homens, mas permanecer com suas amigas masculinas, visto que ainda tem relações com mulheres. Para o autor, esse homem dividiria a sua vida entre suas amigas masculinas e sua vida “oculta” com outros homens.

Diante do que foi dito é imprescindível um olhar interseccional ao falar das bixas pretas, visto que essa perspectiva entende que esses indivíduos na construção de si irão viver as pressões tanto do que se espera, ou imagina, de homens negros, quanto o que é construído de homens homo ou bissexuais de maneira indivisível, ou seja, todo racismo vivenciado por esses homens na tentativa de os colocar dentro dos estereótipos colocados aqui aparecerá aliado a homofobia ou a bifobia e vice e versa. É nas encruzilhadas do se fazer enquanto indivíduo e enquanto homens possíveis que essas pessoas se enxergam, seja na busca incessante de ser o mais heterossexual ou branco possível, seja na tomada de si e na busca de si dentro dos maquinários das masculinidades.

É partindo de diversas discussões sobre masculinidades que Connell, juntamente com Merserschmidt (2013) fizeram uma releitura do conceito de “masculinidade hegemônica” entendendo esta como estrutura social presente no mundo todo mas que se constrói de maneira local também, logo, não falamos de uma masculinidade hegemônica, mas de varias a depender não apenas da cultura regional, mas do local em que nós estamos, logo, dentro de cada casa existe uma construção de masculinidade hegemônica construída nos coletivos que ali estão.

Mara Viveros Vigoya em seu livro *as cores da masculinidade* (2018), já questionava o lugar das masculinidades hegemônicas reivindicando um olhar pros diversos territórios presentes em cada localidade. Esse conceito também é tido como a melhor das saídas por Bell Hooks (2020) que entende que para fugir da busca desenfreada por uma masculinidade branca e patriarcal, os homens negros deveriam se agrupar com os seus, reconhecer suas identidades na construção de outras masculinidades possíveis. É esse aquilombamento que é tido como o mecanismo de fuga para homens homo ou bissexuais, pois, a construção de redes de apoio LGBTI+ vai disponibilizar a esses indivíduos novas possibilidades de construção de si (COELHO; BARROS, 2021) e conseqüentemente a elaboração de outras masculinidades que não as tidas como hegemônicas no ideal cristão.

Elaborar masculinidades possíveis para as bixas pretas é também prestar atenção aos becus, as favelas e as baixadas (AMARAL, 2022). Não podemos esquecer que ser uma bixa preta é uma reivindicação política que não entrelaça somente os conceitos de raça gênero e sexualidade, mas que está intrinsecamente ligada as questões de classe. Já dizia Linn da quebrada (2017) “bixa estranha, louca, preta e da favela”. Portanto, diante da elaboração das possibilidades de masculinidades existentes na vida das bixas pretas existe um aspecto territorial muito forte, portanto, indispensável na elaboração de si e na construção de seus significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito anteriormente, o objetivo deste artigo não é chegar a uma resposta, mas é abrir portas para um campo de estudos, entender possibilidades e construções a partir das bixas pretas. Conhecer, entender e elaborar possibilidades tanto de enfrentamento às imagens de controle como pensar as pluralidades existentes dentro das masculinidades possíveis quando falamos dessa parcela da população.

Portanto, se faz necessário que se entenda a escassez existente de trabalhos acadêmicos que versem sobre as bixas pretas para que outras pessoas se

debrucem sobre o assunto e novas possibilidades e visões possam ser inseridas no meio acadêmico. Mais do que isso, partindo de um pensamento decolonial, urge a necessidade de olhar para esses indivíduos não somente como objetos de estudos nas diversas ciências, mas como produtores de conhecimento. É deixar de simplesmente falar sobre nós, para ouvir-nos. Toda bixa preta tem uma história cheia de ensinamentos simbologias e construções próprias e se atentar para isso é decolonizar a ciência e dar voz a novos sentidos.

Partindo do mesmo pressuposto, existe as possibilidades de que, dentro do Brasil, a comunidade acadêmica comece a olhar para masculinidades alternativas as masculinidades hegemônicas. Que se entenda que quando se fala de homens no nosso país o termo precisa estar no plural, para abarcar todas as diversidades interseccionalizando esses indivíduos. Pensar homens com deficiência, gordos, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, de várias regiões do país, como essas masculinidades se constroem e como atravessam esses corpos são possibilidades de pluralização do conceito de masculinidades.

As próprias bixas pretas vão ter experiências diferentes a partir de seus territórios. Não podemos dizer que uma bixa preta da favela da mará no rio de janeiro irá ter a mesma construção histórica de uma bixa preta da periferia de Bragança no interior do Pará, na Amazônia. Pensar as masculinidades interseccionais e a presença dos territórios são novas formas de se pensar as existências das bixas pretas no decorrer do espaço geográfico brasileiro.

Por fim, existem inúmeras possibilidades de outras pesquisas a partir desta, porém, precisamos de pesquisadores dispostos a escrever, precisamos que as bixas pretas estejam nos lugares acadêmicos e sejam valorizadas onde estejam. É no aquilombamento e nas brechas das estruturas normativas que encontramos possibilidades de existir e resistir.

REFERÊNCIAS

AMADOR DE DEUS, Z. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

AMARAL, Z. **Bixa preta e amefricana**: contação de histórias dos becus à ancestralidade. 1ª ed. Curitiba: Editora Appris, 2022.

ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 2016. 433 f. Tese (Doutorado em psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo-SP, 2016.

ASSUNÇÃO, Iuri. Heterossexismo, patriarcado e diversidade sexual. IN: NOGUEIRA, Leonardo; HILARIO, Erivan, PAZ, Thais Terezinha; MARRO, Kátia (Orgs.). **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. São Paulo - SP. Expressão popular. 1ed, 2018.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte - MG Autêntica Editora, 2010.

BOTELHO, L. L.; CUNHA, C. C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. Belho Horizonte- MG: **Revista gestão e sociedade**, v. 05. nº 11, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. AGUIAR, R. (trad.). 16ª ed. Rio de Janeiro - RJ: Civilização Brasileira, 2018. (coleção sujeito e história)

COELHO, G. G.; BARROS, J. H. A homofobia familiar disfarçada de cuidado. **Perspectivas em diálogo: revista de educação e sociedade**. Niviraí, v.8, n. 17, 2021

COLLINS, P. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNELL, R.. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**. n:20, v: 2, 1995.

CONNELL, R. **Masculinidades**. Cidade Universitária do México: DR, 2003.

CONNELL, R.; MERSESCHMIDT, J.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista estudos feministas**, n:21, v: 1, 2013.

FRY, P. **O que é homossexualidade**. São Paulo-SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiras passos)

GOMES, A. M; REIS, A; KURASHIGE, K. A violência e o preconceito: as formas da agressão contra a população LGBT em mato grosso do sul. Uberlândia - MG. **Caderno espaço feminino**. v. 6; nº. 2. 2013.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GROSSI, M. P.. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Revista antropologia em primeira mão**. Florianópolis - SC. n. 01, 2004.

HOOKS, B. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. São Paulo – SP: Elefante Editora, 2022.

JANUÁRIO, S. B. **Masculinidades em (re)construção**: gênero, corpo e publicidade. Corvilhã – Portugal: Editora LabCom.ifp, 2016.

JAEGER, M. B; NUÑEZ, G; OLIVEIRA, J. M; TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Periodicus**, n. 02, v. 02, 2019.

KIMMEL, M. S.. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, 1998.

LUGONES. M. Colonialidad y género. **Tabula rasa**. Bogotá - Colombia. n: 9, 2008.

MACEDO, P. H. **A (des) patologização da homossexualidade**: uma análise fenomenológica-existencial a partir dos constructos de Heidegger. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Faculdades Atibaia – FAAT. Atibaia-SP, 2017.

MEIRELES, V. H. B; FERRARINI, N. L. Porque bichas pretas incomodam? Um estudo teórico-crítico sobre masculinidades e subjetividade social na perspectiva cultural histórica. **Revista brasileira de estudos da homocultura**. v. 05, n. 16, 2022.

OLIVEIRA, P. P.. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte – MG: Editora UFMG, 2004.

QUEBRADA, L. Bixa preta. Produção independente: 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjGObbY> (3:35 min.). Acesso em: 09 de janeiro de 2024.

QUIJANO, A.. “Colonialidad del Poder y Clasificación Social”, Festschrift for Immanuel Wallerstein, part I, Journal of World Systems Research, V. XI:2, 2000. (disponível em: < <http://www.ram-wan.net/restrepo/poscolonial/9.2.colonialidad%20del%20poder%20y%20clasificacion%20social-quijano.pdf> >)

RIBEIRO, M. “Eu decido se ‘cês vão lidar com king ou se vão lidar com kong” homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade Brasileira. **Revista humanidades e inovação**, v. 07. nº 25, 2020.

RIBEIRO, J. L. P. Revisão De Investigação e Evidência Científica. *Psicologia, Saúde & Doenças*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 671-682, 2014

SCOTT, J. W. Gênero: Ainda é uma categoria útil de análise?. Albuquerque: **Revista de história**, v.13, n.26, 2021.

SEFFNER, F. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2003.

SOLIVA, T. B.; SILVA, D. Q.; SILVA, M. V; DAMASCENO, M. V. Sofrimento, família e homossexualidade: um estudo com estudantes universitários do recôncavo da Bahia. **Cadernos de gênero e diversidade**. v.06, n.04, 2020.

TORRÃO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, n. 24, 2005.

VIANNA, E; NASCIMENTO, D. “Nunca me senti tão maldito”: o estigma e a epidemia de Aids no Brasil. IN: FRANCO, Sebastião; NASCIMENTO, Dilene; MACIEL, Ethel (org.). **Uma história brasileira das doenças**: volume 4. Belo Horizonte-MG. Editora Fina traço, 1ª ed, 2013.

VIGOYA, M. V.. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América. Rio de Janeiro – RJ. Papéis Selvagens, 2018.

WELZER-LANG, D.. A construção do masculino, dominação das mulheres e homofobia. **Revista estudos feministas**. v: 2, 2001.

ZANOLI, Vinicius. **“Por uma cultura LGBT, negra e periférica”**: (re)produzindo, (re) escrevendo e disputando “culturas” e “identidades”. In: reunião brasileira de antropologia. 31ª, 2018, Brasília-DF. Disponível em http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541427182_ARQUIVO_RBA.pdf